

Revista

FONTES DOCUMENTAIS

ENTRE A INTUIÇÃO E A COLETIVIDADE: UM DIÁLOGO SOBRE INFORMAÇÃO E MEMÓRIA NA ERA DIGITAL

*BETWEEN INTUITION AND COLLECTIVITY:
A DIALOGUE ON INFORMATION AND MEMORY IN THE DIGITAL AGE*

DOI: 10.9771/rfd.v8i0.66261

Aline Silva de Carvalho Bittencourt da Costa Souza

Mestranda em Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Bacharel em Arquivologia pela UFBA. E-mail: aline.arquivista@gmail.com

Pablo Soledade de Almeida Santos

Doutorando e Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Bacharel em Arquivologia pela UFBA. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5324-3135> E-mail pablosoledade@gmail.com

Tassila Oliveira Ramos

Arquivista do Instituto Federal da Bahia (IFBA). Doutoranda e Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Bacharel em Arquivologia pela UFBA. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4159-6333> E-mail: tassilaramos@gmail.com

RESUMO

Este estudo examina as interseções entre as noções de memória individual e coletiva a partir das perspectivas de Henri Bergson (1859-1941) e Maurice Halbwachs (1877-1945), considerando o contexto contemporâneo marcado pela explosão informacional e pelo avanço e impactos da tecnologia. Analisa-se a memória não apenas como função cognitiva, mas também como construção social e um fenômeno moldado pela subjetividade e pela coletividade. Ao conectar as ideias filosóficas de Bergson sobre a intuição com a ênfase de Halbwachs na memória coletiva, o artigo investiga como essas teorias podem ser aplicadas à compreensão das transformações na memória provocadas pela era digital e os desafios de preservar memórias significativas em um mundo com grande volume de dados.

Palavras-chave: memória; memória coletiva; Henri Bergson; Maurice Halbwachs.

ABSTRACT

This study examines the intersections between the notions of individual and collective memory from the perspectives of Henri Bergson (1859-1941) and Maurice Halbwachs (1877-1945), considering the contemporary context marked by the information explosion and the advancement and impacts of technology. Memory is analyzed not only as a cognitive function but also as a social construct and a phenomenon shaped by subjectivity and collectivity. By connecting Bergson's philosophical ideas on intuition with Halbwachs' emphasis on collective memory, the article explores how these theories can be applied to understanding the

transformations in memory brought about by the digital age and the challenges of preserving meaningful memories in a data-rich world.

Keywords: memory; collective memory; Henri Bergson; Maurice Halbwachs.

1. INTRODUÇÃO

Vivemos em um tempo em que a informação cresce de forma exponencial todos os dias. A cada instante, somos apresentados a um volume incomensurável de dados e informações estruturadas e não estruturadas, que exigem atenção de toda a sociedade e que, muitas vezes, interferem na nossa capacidade de formação de memórias duráveis e com significado. A vasta quantidade de dados que circula diariamente, desde informações pessoais até grandes volumes de dados corporativos, apresenta desafios não apenas para a nossa capacidade de processamento cognitivo, mas também para a forma como lembramos, organizamos e damos significado às nossas experiências.

O avanço tecnológico e a digitalização da informação têm levado a um ambiente onde o que é efêmero se mistura com o permanente, onde as memórias que antes eram preservadas de forma quase artesanal em álbuns de fotos, diários e bibliotecas, agora são armazenadas em servidores, nuvens digitais e mídias sociais. Essas plataformas, embora ofereçam conveniência e acesso imediato, também impõem um novo ritmo à formação da memória, muitas vezes mais rápida e menos refletida, o que levanta questões sobre a qualidade e a profundidade das memórias que estamos formando. Nesse sentido, é relevante refletir sobre os processos de formação e preservação da memória, tanto do ponto de vista individual quanto numa perspectiva coletiva, e como essas memórias são moldadas e influenciadas por um ambiente informacional que é ao mesmo tempo vasto e volátil.

Este estudo traz uma perspectiva analítica para o estabelecimento de um diálogo entre duas abordagens filosóficas de grande importância sobre a memória: a teoria da intuição de Henri Bergson, que enfoca a subjetividade e a dimensão temporal da memória individual, e a teoria da memória coletiva de Maurice Halbwachs, que destaca o caráter social e coletivo das lembranças. A teoria de Bergson nos convida a considerar a memória como algo mais do que um simples registro de eventos passados; para ele, a memória está intimamente ligada à nossa percepção do tempo e à maneira como experimentamos e interpretamos nossa existência. Sua distinção entre a "memória hábito" e a "memória pura" oferece uma lente através da qual podemos entender como a experiência subjetiva do tempo e da memória é essencialmente qualitativa e profundamente conectada à nossa consciência.

Por outro lado, Maurice Halbwachs propõe uma visão da memória que é fundamentalmente social. Em sua teoria, a memória individual não pode ser compreendida de forma isolada, pois ela é constantemente moldada, influenciada e sustentada pelos grupos sociais aos quais pertencemos. Halbwachs destaca que as memórias são reconstruídas em um contexto coletivo, onde normas, valores, e narrativas sociais desempenham um papel crucial na forma como recordamos e atribuímos significado ao passado. No contexto atual, essa teoria adquire uma relevância ainda maior, considerando o impacto das mídias digitais e das redes sociais na formação e disseminação de memórias coletivas.

Ao colocar essas teorias em contato com o contexto contemporâneo, marcado pela revolução digital e pela multiplicidade de formas de mediação da memória, busca-se oferecer uma análise robusta sobre as dinâmicas de memória e informação no século XXI. O século atual, caracterizado pela hiperconectividade e pela constante intermediação tecnológica, exige uma reavaliação das formas pelas quais a memória é constituída e preservada. As plataformas digitais, ao mesmo tempo que oferecem novas possibilidades para o armazenamento e o compartilhamento de memórias, também introduzem desafios inéditos, como a efemeridade das lembranças digitais, a sobrecarga informacional, e a potencial manipulação de memórias através de algoritmos que priorizam certos tipos de informação em detrimento de outros.

Além dos referenciais principais, a discussão é enriquecida com contribuições de outros autores que abordam as transformações da memória na era digital, como Pierre Nora, Andrew Hoskins e Paul Ricoeur. Pierre Nora, com seu conceito de "lugares de memória", discute como as sociedades contemporâneas criam e preservam espaços dedicados à memória coletiva, mas que, ao mesmo tempo, podem acabar limitando a diversidade e a autenticidade das lembranças. Andrew Hoskins introduz o conceito de "memória conectiva", explorando como a memória na era digital se torna uma entidade fluida e interconectada, constantemente remixada e sujeita a influências externas, o que desafia a estabilidade das memórias tradicionais.

Paul Ricoeur, por sua vez, oferece uma reflexão sobre a ética da memória, ressaltando a importância de práticas justas e inclusivas na preservação e na transmissão das lembranças, especialmente em um contexto onde as tecnologias digitais têm o poder de alterar profundamente o que e como lembramos.

Esses diálogos visam a expandir o entendimento das complexidades que envolvem a formação da memória em uma sociedade “hiper informada” e tecnologicamente mediada. A reflexão proposta neste estudo não se limita a um debate teórico, mas busca também apontar para as implicações práticas dessas transformações para a nossa vida cotidiana, para a educação,

para a cultura e para a forma como entendemos e preservamos nossa história, tanto no nível individual quanto no coletivo.

2. HENRI BERGSON: A INTUIÇÃO COMO FUNDAMENTO DA MEMÓRIA INDIVIDUAL

Henri Bergson (1859-1941), filósofo francês, apresentou uma abordagem radicalmente diferente para entender a memória em comparação com os paradigmas materialistas e mecanicistas de sua época. Em sua obra *Matéria e Memória* (1999), Bergson rejeita a visão da memória como um simples registro físico do passado no cérebro, enfatizando, ao invés disso, sua natureza espiritual e temporal.

Para ele, a memória não é apenas uma função biológica voltada para a sobrevivência, mas também um elemento fundamental da consciência humana. Em contraste com as visões predominantes, como as de Freud e da nascente neurociência, Bergson argumenta que a memória é um "ato puro" que transcende o corpo e está enraizado na duração temporal.

Bergson (1999) divide a memória em dois tipos principais: a *memória hábito* e a *memória pura*. Para ele:

Há, dizíamos, duas memórias profundamente distintas: uma, fixada no organismo, não é senão o conjunto dos mecanismos inteligentemente montados que asseguram uma réplica conveniente às diversas interpelações possíveis. Ela faz com que nos adaptemos à situação presente, e que as ações sofridas por nós se prolonguem por si mesmas em reações ora efetuadas, ora simplesmente nascentes, mas sempre mais ou menos apropriadas. Antes hábito do que memória, ela desempenha nossa experiência passada, mas não evoca sua imagem. A outra é a memória verdadeira. Coextensiva à consciência, ela retém e alinha uns após outros todos os nossos estados à medida que eles se produzem, dando a cada fato seu lugar e conseqüentemente marcando-lhe a data, movendo-se efetivamente no passado definitivo, e não, como a primeira, num presente que recomeça a todo instante. (Bergson, 1999, p. 176)

Ele destaca a distinção fundamental entre dois tipos de memória: a memória hábito, que está ligada ao corpo e às ações automáticas, e a memória pura, que preserva a totalidade do passado e permite a vivência contínua do tempo. Essa distinção é central para compreender como Bergson considera a memória não apenas como um processo utilitário voltado para a adaptação ao presente, mas como uma função essencial da consciência humana, que retém e organiza as experiências ao longo do tempo.

Bergson associa a memória hábito à matéria e à repetição mecânica de comportamentos. Ele afirma que a memória é um 'ato puro' que transcende o corpo e está enraizado na duração temporal" (Bergson, 1999, p. 176). Essa forma de memória está ligada aos hábitos e rotinas que desenvolvemos ao longo do tempo. Ela é mecânica, automática e opera de maneira inconsciente

na medida em que é acionada por estímulos externos ou internos. Por exemplo, quando dirigimos um carro e realizamos certas ações de forma automática, sem precisar pensar conscientemente em cada movimento, estamos utilizando a memória hábito.

Bergson descreve a memória pura como algo ligado à consciência e à capacidade de reter o passado de forma criativa. Essa forma de memória não é simplesmente uma repetição mecânica de eventos passados, mas sim uma retenção que permite a revisão, a reelaboração e até mesmo a criação de novas experiências a partir do passado.

Ela é mais flexível e dinâmica, permitindo que usemos as experiências passadas como recursos para a resolução de novos problemas ou para a criação de novas ideias. A memória pura está mais próxima da intuição e da criatividade, e não se limita à mera repetição de padrões pré-estabelecidos.

Ao diferenciar a memória hábito da memória pura, Bergson nos convida a repensar o papel da memória na constituição da consciência humana. Enquanto a memória hábito se caracteriza pela repetição automática de ações e pela adaptação ao presente, a memória pura opera em uma dimensão mais profunda, preservando o passado em sua integridade e permitindo ao indivíduo acessar a continuidade do tempo vivido. Essa distinção é essencial para compreendermos a memória não apenas como um mecanismo utilitário voltado à sobrevivência e à eficiência prática, mas também como um elemento fundamental na construção da experiência subjetiva e da identidade pessoal ao longo do tempo.

Essa visão bergsoniana da memória se torna-se ainda mais relevante no contexto contemporâneo, em que as novas tecnologias tendem a reduzir a memória a meros dados armazenáveis e quantificáveis. A externalização da memória em dispositivos digitais, por mais eficiente que seja para o armazenamento e a recuperação de informações, corre o risco de ignorar a profundidade qualitativa e subjetiva das lembranças, que, segundo Bergson, estão intrinsecamente ligadas à duração temporal e à experiência individual. A memória pura, ao contrário da memória hábito, não se limita a reagir ao presente, mas se estende para além do tempo cronológico, resgatando o passado em toda a sua riqueza e complexidade.

Nesse sentido, Bergson propõe que a intuição é o método pelo qual acessamos essa memória pura. Longe de ser um simples palpite ou uma percepção instintiva, a intuição, para Bergson, é uma forma de conhecimento que ultrapassa as limitações da análise lógica e racional, penetrando diretamente na essência do tempo vivido. Ela nos permite acessar a memória pura de forma integral, preservando a continuidade e a profundidade do passado, aspectos que as

abordagens contemporâneas, centradas na quantificação e externalização da memória, frequentemente ignoram.

Dessa forma, a filosofia de Bergson oferece uma crítica contundente à tendência moderna de reduzir a memória a um conjunto de dados externos, reafirmando a importância de preservar a dimensão subjetiva e temporal da experiência humana, essencial para a verdadeira compreensão da memória.

Ao considerar a memória como um fenômeno que transcende o simples registro de informações, Bergson também propõe que a memória é fundamental para a constituição do eu. Ele argumenta que o acúmulo das experiências passadas, preservadas na memória pura, é o que confere continuidade à identidade pessoal ao longo do tempo (Bergson, 1999). Esse processo de construção do eu por meio da memória sublinha a importância da subjetividade na interpretação das experiências vividas, uma característica que é frequentemente ofuscada na era digital, em que a memória é tratada como um objeto quantificável e manipulável.

A noção de duração, central na filosofia bergsoniana, também oferece uma crítica implícita à fragmentação temporal promovida pelas tecnologias modernas. Enquanto a era digital tende a dividir o tempo em momentos discretos e isolados, a duração em Bergson é vista como um fluxo contínuo, onde o passado se funde com o presente para formar a consciência (Bergson, 1999). Nesse sentido, a intuição, como meio de acessar a memória pura, não apenas conecta o indivíduo ao seu passado, mas também permite uma compreensão mais profunda e integrada do tempo vivido.

Autores contemporâneos, como Richard Terdiman (1993), discutem a relevância das ideias de Bergson para entender a crise da memória na modernidade. Terdiman argumenta que a obsessão contemporânea com o arquivamento e a documentação – o que ele chama de "memorialização" – representa uma tentativa de capturar a memória em um mundo onde ela está em risco constante de se perder. No entanto, essa tentativa frequentemente ignora a dimensão qualitativa e intuitiva da memória, que é central para a filosofia de Bergson.

Além disso, filósofos contemporâneos como Gilles Deleuze (1966) também reinterpretam Bergson para aplicar suas ideias ao contexto atual. Deleuze usa o conceito de intuição para criticar a racionalização excessiva do pensamento na filosofia e nas ciências sociais contemporâneas. Para ele, a intuição é uma ferramenta essencial para compreender fenômenos complexos que não podem ser totalmente explicados por meio da análise lógica. Isso se aplica diretamente ao estudo da memória na era digital, onde a intuição pode ser uma forma de resistir à fragmentação e à superficialidade promovidas pelas novas tecnologias.

3. MAURICE HALBWACHS: A MEMÓRIA COMO CONSTRUÇÃO COLETIVA

Maurice Halbwachs (1877-1945), sociólogo e discípulo de Émile Durkheim, trouxe uma contribuição crucial para o estudo da memória ao destacar seu caráter social. Em *A Memória Coletiva*, Halbwachs desenvolve a ideia de que a memória individual não pode ser compreendida isoladamente; ela é sempre moldada pelos contextos sociais em que o indivíduo está inserido. Essa perspectiva rompe com a noção cartesiana de um eu autônomo e auto-suficiente, argumentando que a memória é construída e reconstruída em constante interação com o grupo social.

Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós (Halbwachs, 2003, p. 30).

Para Halbwachs, os grupos sociais fornecem "quadros sociais" que estruturam as lembranças individuais. Esses quadros podem ser normas, valores, narrativas ou instituições que orientam a forma como os indivíduos se recordam de eventos passados. A memória coletiva, portanto, resulta da soma dessas interações e das influências sociais que moldam o que e como nos lembramos. Isso tem implicações significativas para a compreensão de fenômenos como a formação da identidade e a preservação da história cultural.

A abordagem de Halbwachs é particularmente relevante no contexto das sociedades contemporâneas, em que as mídias digitais desempenham um papel crucial na construção da memória coletiva. A memória, que antes era mantida por instituições como a família, a escola e a igreja, agora é mediada por plataformas de redes sociais e outras formas de comunicação digital. Autores como José Van Dijck (2007) argumentam que as redes sociais funcionam como novos "quadros sociais", moldando a maneira como os indivíduos recordam e compartilham suas memórias. Essa mediação digital da memória coletiva levanta questões sobre autenticidade e autoridade das lembranças, uma vez que as plataformas digitais podem tanto preservar quanto distorcer memórias.

Dessa forma, as redes sociais passam a moldar a memória coletiva não apenas selecionando, mas também priorizando certas narrativas em detrimento de outras, frequentemente por meio de algoritmos que reforçam bolhas de informação e vieses cognitivos. Esse ambiente favorece a formação de "memórias coletivas seletivas", nas quais determinados eventos são amplificados enquanto outros são relegados ao esquecimento, dependendo do que é mais compartilhado ou curtido.

Além disso, a efemeridade e a reconfiguração constante dos conteúdos nas redes sociais desafiam a estabilidade da memória coletiva, criando um espaço onde as memórias podem ser

constantemente reescritas e reinterpretadas, muitas vezes sem ancoragem em contextos históricos ou sociais mais amplos. Embora desenvolvida antes da ascensão das redes sociais, a teoria de Halbwachs oferece *insights* que nos permitem compreender as implicações sociais dessas novas formas de mediação da memória, nas quais a coletividade pode ser manipulada por forças externas, alterando não apenas o que lembramos, mas também como e por que lembramos.

Halbwachs também foi pioneiro na ideia de que a memória coletiva é seletiva. Para o autor, “nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos” (Halbwachs, 2003, p. 30). Os grupos sociais não lembram de tudo; eles selecionam e enfatizam certos eventos enquanto ignoram outros.

Essa seletividade é influenciada por fatores políticos, culturais e econômicos. Pierre Nora (1989) desenvolve essa ideia ao argumentar que as sociedades modernas estão cada vez mais preocupadas com a criação de "lugares de memória" (*lieux de mémoire*), como museus, monumentos e arquivos, para preservar determinados aspectos da memória coletiva em detrimento de outros. Isso é particularmente evidente em práticas como a comemoração de eventos históricos ou a preservação digital de arquivos, nos quais certas narrativas são privilegiadas enquanto outras são negligenciadas.

A teoria de Halbwachs também nos permite entender os perigos da "amnésia coletiva" em uma era de informação em excesso. Se as memórias são constantemente mediadas por quadros sociais digitais que priorizam o efêmero e o sensacional, há o risco de que aspectos importantes da história coletiva sejam esquecidos ou distorcidos. Andrew Hoskins (2017) fala de uma "hipermemória" contemporânea, em que o excesso de informação leva a uma saturação da memória, dificultando a distinção entre o que é significativo e o que é irrelevante. Nesse sentido, a teoria de Halbwachs sobre a seletividade da memória coletiva nos ajuda a compreender os desafios de preservar memórias autênticas e significativas em uma sociedade hiperconectada e sobrecarregada de informações.

4. METODOLOGIA

Apresenta-se um estudo de abordagem qualitativa, de natureza aplicada, caracterizado por uma pesquisa descritiva, adequada para investigar opiniões e atitudes, conforme sugere Gil

(2007). Essa abordagem permite analisar e descrever fenômenos sem intervenção direta, concentrando-se na observação e interpretação teórica.

A metodologia empregada combina pesquisa descritiva e bibliográfica, com uma extensa revisão de literatura que explora as noções de memória individual e coletiva, fundamentada nas teorias de Henri Bergson e Maurice Halbwachs. Além disso, investiga-se como essas memórias são preservadas e representadas no contexto contemporâneo, marcado pela explosão de informações e pelo avanço e impactos da tecnologia, com ênfase nos estudos de informação e memória dentro da ciência da informação.

A interpretação dos dados coletados foi orientada pelas teorias de Bergson e Halbwachs, permitindo uma compreensão mais profunda da relação entre memória individual e coletiva no contexto digital.

Essa metodologia oferece uma abordagem detalhada e integrada para investigar as interseções entre memória individual, coletiva e tecnologia, proporcionando uma compreensão abrangente dos fenômenos estudados e contribuindo tanto para o avanço teórico quanto para suas aplicações práticas no campo da ciência da informação.

5. INFORMAÇÃO, MEMÓRIA E TECNOLOGIA NO SÉCULO XXI

O impacto da tecnologia digital sobre a memória é um dos principais temas de debate contemporâneo. Vivemos em uma era em que a quantidade de informação disponível é vasta, e a capacidade de armazenar e recuperar dados parece ilimitada. No entanto, essa abundância de informação não se traduz necessariamente em uma maior capacidade de lembrar ou preservar memórias significativas. Pelo contrário, o excesso de dados pode levar a uma "saturação de memória", onde a capacidade de discernir entre o que é importante e o que é trivial se torna cada vez mais difícil.

Andrew Hoskins (2011) desenvolveu o conceito de "memória conectiva" para descrever o novo ecossistema da memória na era digital. Segundo Hoskins, a memória conectiva é caracterizada pela interconexão constante entre indivíduos e redes digitais, onde as memórias são continuamente compartilhadas, remixadas e reconfiguradas.

Hoskins (2011) destaca que o que torna a memória conectiva única é sua dependência contínua das redes digitais para sustentar, modificar e reviver o que é lembrado. Ele argumenta que essa forma de memória é intrinsecamente social e altamente dinâmica, o que cria uma fluidez que desafia as concepções tradicionais de memória, que são vistas como algo fixo e

estável. Nesse novo paradigma, a memória não é mais uma entidade estática, mas sim um processo em constante evolução, influenciado pelas interações sociais e pelas tecnologias que mediam essas lembranças. Isso cria um tipo de memória que, embora fluida, é fragmentada e vulnerável à manipulação. A memória conectiva desafia as concepções tradicionais de memória ao destacar sua natureza mutável e interativa na era digital.

Hoskins (2011) aponta que a memória conectiva altera profundamente a relação das pessoas com o passado, transformando-a de um recurso interno e pessoal em algo compartilhado e influenciado por redes externas. O processo de recordar, nesse contexto, torna-se mais vulnerável às intervenções de algoritmos, que podem priorizar algumas lembranças enquanto negligenciam outras. Isso coloca em questão a autenticidade das memórias, bem como a maneira como as identidades pessoais e coletivas são moldadas em um ambiente saturado de influências externas.

Sherry Turkle (2011), em *Alone Together*, também aborda as consequências da mediação tecnológica para a memória e identidade. Ela alerta que, ao delegarmos o armazenamento de nossas memórias a dispositivos digitais, corremos o risco de despersonalizar o processo de lembrança. A memória, que antes fazia parte integral de nossa identidade, passa a ser algo acessível remotamente, mas sem a profundidade de sentimento e compreensão que possuía quando era internalizada. Essa transição pode alterar nossa relação com o passado, afastando-nos do processo de reflexão pessoal e íntima sobre nossas experiências.

A memória, ao se tornar algo armazenado fora de nós, pode perder seu caráter de experiência subjetiva e vivida, tornando-se mais uma *commodity*, algo que pode ser armazenado, classificado e recuperado de forma impessoal.

Além disso, a memória digital levanta questões éticas sobre a preservação e a privacidade das lembranças. A preservação digital de memórias, apesar de sua capacidade de manter grandes volumes de dados por períodos indeterminados, não é um processo isento de influências externas. Como aponta Hoskins (2011), as forças de mercado e políticas que moldam outras formas de mídia também impactam a preservação digital. Memórias que atendem a interesses comerciais ou ideológicos podem ser favorecidas, enquanto outras podem ser negligenciadas ou até mesmo apagadas. Essa dinâmica levanta questões importantes sobre quem decide quais memórias são preservadas e quem pode ficar à margem desse processo.

Por exemplo, os algoritmos das redes sociais priorizam certos conteúdos em detrimento de outros, criando "bolhas de filtro" que podem moldar a maneira como nos lembramos de eventos e interagimos com o passado. Isso evidencia uma forma de controle social sobre a

memória coletiva, onde a verdade histórica pode ser distorcida e as narrativas coletivas podem ser manipuladas por interesses externos.

Paul Ricoeur (2000) também destaca a importância da ética na preservação da memória. Em sua obra *La Mémoire, l'Histoire, l'Oubli*, Bergson argumenta que a tecnologia digital tende a privilegiar a memória hábito, caracterizada pela repetição e pelo armazenamento de dados, em detrimento da memória pura, que está mais ligada à subjetividade e à experiência vivida. Para ele, enquanto a memória pura se relaciona diretamente com a percepção do tempo vivido, a memória hábito funciona como uma adaptação prática ao presente, frequentemente reduzida a uma repetição mecânica. (Ricoeur, 2000). Na era digital, isso significa que devemos estar atentos às formas como as memórias são armazenadas, compartilhadas e recuperadas, garantindo que essas práticas respeitem os direitos individuais e coletivos.

Para compreender plenamente o impacto da tecnologia digital sobre a memória, é útil retornar às ideias de Henri Bergson e Maurice Halbwachs, cujas teorias oferecem uma base sólida para analisar os desafios contemporâneos. Bergson (1999), ao distinguir entre memória pura e memória hábito, ressalta que a tecnologia digital tende a privilegiar a memória hábito, caracterizada pela repetição e pelo armazenamento de dados, em detrimento da memória pura, que está mais relacionada à subjetividade e à experiência vivida. Segundo o autor, enquanto a memória pura se vincula diretamente à percepção do tempo vivido, a memória hábito funciona como uma adaptação prática ao presente, muitas vezes reduzida a uma repetição mecânica (Bergson, 1999). A natureza instantânea e superficial dos meios digitais pode reduzir a capacidade de acessar essa memória pura, já que a imediata disponibilidade de informações tende a sobrecarregar nossa consciência e fragmentar a experiência temporal contínua que Bergson valoriza.

Além disso, a perspectiva de Halbwachs sobre a memória coletiva pode ser reavaliada à luz da "memória conectiva" proposta por Hoskins. Halbwachs sublinha que a memória coletiva é formada e sustentada por estruturas sociais e culturais específicas. No entanto, na era digital, essas estruturas são substituídas por redes sociais que moldam a memória coletiva através de algoritmos e dinâmicas de interação online. Essas plataformas não apenas influenciam o conteúdo das memórias compartilhadas, mas também determinam como e por que certas memórias são priorizadas ou esquecidas.

O fenômeno das bolhas de filtro e a manipulação de conteúdos digitais demonstram uma nova forma de controle social sobre a memória coletiva, na qual a verdade histórica pode ser distorcida e as narrativas coletivas influenciadas por interesses externos. Conforme aponta

Hoskins (2017), a memória coletiva, que deveria atuar como um repositório de experiências compartilhadas e histórias coletivas, passa a ser moldada por forças sutis e, muitas vezes, imperceptíveis. As tecnologias digitais, por meio de seus mecanismos de filtragem e manipulação, podem reconfigurar significativamente a maneira como compreendemos o passado.

Assim, a interseção das ideias de Bergson e Halbwachs oferece uma lente crítica para examinar como a tecnologia digital está reconfigurando nossas memórias individuais e coletivas, desafiando tanto a autenticidade quanto a profundidade das lembranças em uma era saturada de dados e mediada por algoritmos.

CONCLUSÃO

Este estudo procurou explorar as complexas intersecções entre a memória individual e coletiva, trazendo para o centro do debate as contribuições teóricas de Henri Bergson e Maurice Halbwachs. A intuição, como discutido por Bergson, oferece uma perspectiva valiosa para entender a profundidade subjetiva da memória, enquanto a abordagem coletiva de Halbwachs nos lembra da importância dos contextos sociais na formação das lembranças.

Em um mundo cada vez mais digital, onde a informação é abundante, mas a memória significativa está em risco, essas teorias nos oferecem uma base filosófica e sociológica para compreender os desafios contemporâneos da memória.

A era digital não apenas transforma a maneira como armazenamos e acessamos informações, mas também altera a natureza da própria memória. A externalização da memória para dispositivos digitais cria novas oportunidades, mas também novos perigos, como a fragmentação e a superficialidade das lembranças. Como tal, a preservação da memória na era digital exige uma abordagem integrada que considere tanto a dimensão individual quanto a coletiva da memória, bem como os desafios éticos e sociais que surgem nesse novo ecossistema.

Retomando os conceitos de memória social, que abrangem a memória coletiva e incluem também as memórias compartilhadas em uma escala mais ampla, envolvendo a sociedade como um todo, percebe-se que essa memória desempenha um papel crucial na construção de identidades nacionais e na legitimação de regimes políticos e ideologias. Tradicionalmente, instituições sociais como escolas, governos e meios de comunicação convencionais desempenharam esse papel. No entanto, na contemporaneidade, novas instituições, como redes sociais, plataformas digitais e inteligência artificial, têm se tornado fundamentais na construção dessa memória social.

Por fim, é crucial lembrar que, embora as tecnologias possam influenciar, mediar e facilitar o armazenamento da memória, elas nunca poderão substituir a experiência vivida e a intuição subjetiva que são fundamentais para a memória humana. A memória, em sua essência, continua sendo um fenômeno profundamente enraizado no tempo e na experiência, e sua preservação requer não apenas tecnologia, mas também uma compreensão filosófica e ética das forças que moldam nossas lembranças.

REFERÊNCIAS

- BERGSON, Henri. **Matéria e Memória**: Ensaio sobre a Relação do Corpo com o Espírito. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- DELEUZE, Gilles. **Bergsonismo**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1999.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003.
- HOSKINS, Andrew. **Digital Memory Studies: Media Pasts in Transition**. Routledge, 2017.
- HOSKINS, Andrew. **Memory of the Future**. Springer, 2011.
- NORA, Pierre. **Les Lieux de Mémoire**. Paris: Gallimard, 1989.
- RICOEUR, Paul. **La Mémoire, l'Histoire, l'Oubli**. Paris: Seuil, 2000.
- TURKLE, Sherry. **Alone Together: Why We Expect More from Technology and Less from Each Other**. Basic Books, 2011.
- VAN DIJCK, José. **Mediated Memories in the Digital Age**. Stanford University Press, 2007.
- TERDIMAN, Richard. **Present Past: Modernity and the Memory Crisis**. Cornell University Press, 1993.

<p>Recebido/ Received: 13/11/2024 Aceito/ Accepted: 05/01/2025 Publicado/ Published: 03/03/2025</p>
--